

“A poesia é um reduto de magia, de dor, de condensação de sensações e memórias. É um espaço ritualístico, arejado e profundo a um tempo só. Num mundo em crise ou não, a poesia tem o seu lugar, a sua missão de lembrar ao homem o seu estatuto de pessoa e de animal. Libertando-o um pouco do cansaço diário, fazendo voar ou sonhar. Autorizando-o também a ser outros, a sonhar com outros. Penso que a poesia ajuda a sonhar, a pensar, a reencontrar uma espécie de beleza.”

A garça e as tardes

encontrei uma garça gaga.
atropelava-se a si própria enquanto voava
com isso considerava-se aleijada.
pedi-lhe emprestada a gaguez.

hoje a garça é feliz.

eu ganhei o hábito
de gaguejar tardes.

Adeus

no jardim da minha casa encruzilhei-me com uma lesma.
ela ofereceu um olhar. vi o mundo pela sedução da lesma:
tudo arduilhado de simplicidade.
ofereci uma tristeza: ela quase cedeu a transparências.
aprendi com a lesma: uma tristeza não deve ser
emprestada.
o mundo, mesmo partilhado,
é muito a pele de cada qual.

na falta de dedos
a lesma fez adeus com o corpo.
e veio a chuva.

reaprendemos assim o lugar das nossas almas.

Estes dias

queimam-me
os dias
dos outros.
rego-me, reinvento o
mundo.
falho.
na minha janela
de ferrugem tórrida
os passarinhos
ainda
fazem amor.

Construção

construção da casa [e do interior da casa]
construção de uma fogueira [e do fogo, e da chama, e das cinzas]
construção de uma pessoa [do embrião aos livros]
construção do amor
construção da sensibilidade [desde os poros até à música]
construção de uma ideia [passando pelo que o outro disse]
construção do poema [e do sentir do poema]

[há qualquer coisa de «des» na palavra construção]

desconstrução do preconceito
desconstrução da miséria
desconstrução do medo
desconstrução da rigidez
desconstrução do inchaço do ego
desconstrução simples [como exercício]
desconstrução do poema [para um renascer dele]
construção é uma palavra
que causa suor
ao ser pronunciada.

penso que esse seja um suor bonito.

Intimidar o poema a ser raiz

era um poema lateral aos sentidos.
ganhava formato ébrio
ao nem ser escrito.
longe dos pensamentos
imitava uma pedra
[aí as palavras drummondeavam].
longe das lógicas
– com tendência vagabunda –
o poema driblava lados avessos
de noites
e animais
[aqui as sílabas manoelizam, barrentas].
mas uma estrela nunca brilha
tão solitária;
encarece-se também de luandinar,
miar à coutho,
esvair-se para guimarães...
era um poema carente de afectar-se
a ramos gracilianos.
assim alcançava
o estatuto
de raiz.
cheirado, emitia brilhos tímidos
– fosse um pirilampo.

Para vivenciar nadas

borboleta é um ser irrequieto.
para vestes usa pólen.
tem um cheiro colorido
e babas de amizade.
descola por ventos
e facilmente aterriza em sonhos.
borboleta tem correspondência directa
com a palavra alma.
para existir usa liberdades.
desconhece o som da tristeza
embora saiba afogá-la.
usa com afinidades
o palco da natureza.
nega maquilhagens isentas
de materiais cósmicos. como digo:
pó-de-lua, lápis solar
castanho-raiz, cinzento-nuvem.
borboleta dispõe de intimidades
com arcos íris
a ponto de cócegas mútuas.
para beijar amigos e vidas ela usa olhos.
borboleta é um ser
de misteriosos nadas.

Para pisar um chão com estrelas

imitando-me ao morcego
intimidei o dia a ser mais vertical.
assim o céu ganhou pés
a terra experimentou alturas.
apressas, pedi:
uma noite se antecipasse.
transfigurando conceitos
o palco do mundo vincava-se
de novas encenações.
estrelas chegaram.
lua teve dúvidas para posicionar-se.
encaminhando
andei sobre o céu sob meus pés.
assim revelei-me:
nunca é impossível
pisar um chão de estrelas.
...
logo-logo:
um grilo atirou-se a sorrisos.

Pastor de estrelas

companheiro barbosa
me traz novidades:
«o grilo é um pastor de estrelas...»
entorno enterneçimentos. assim em
emoções.
o grilo é rasante, gritante, em negrecido.
um bicho do chão, concluímos.
«mas aí está», diz-me.
«por via do chão ele despe distâncias;
está mais próximo de estrelas, pois...»
entorno espantos, encantos.
«um pastor, guiante?» - eu.
«ah pois e sim. o mais certo apastoreiro!» - ele.
e entrando em explicamentos:
«no canto do grilo as estrelas rebrilham, acendidas.
comungam luz, iluminam poeiras, universias versos.
de tanto desconhecimento em medições
o grilo ganha é abraço com estrelas;
de tanta chãotória
o grilo estreia é intimidade com a magia»;
mas elas altíssimas, dependuradas,
o grilo aquieto - patas impostas em húmida terra.
mas barbosa:
«estrela é brilho de sonho.
é rebanho manso, em simplicidades disponíveis.
não queira indagar mistérios.
somente dê-se a ouvidades: ausculte o grilo,
esse pastor de estrelas...»
entorno crenças, desfalências.
arre e pio-me de silêncios.
o grilo é um adormecedor de inquietudes.
cessa o canto, o encanto.
vincadas de negrume, as estrelas grilaram-se
para sonos.
adormecimentos provisórios.

Na casa do macedo

na casa do camarada macedo
as estrelas já não pedem licença
(ganharam à-vontade de entrar);
os gambuzinos expulsaram os sapos da noite,
tomaram uma minúscula colina.
de repente o céu entornou uma estrela
sobre a casa.
a poeira cósmica faz sombra
na casa dele.
hoje mesmo, agorinha, os gambuzinos recuaram
e se recolheram – perto da represa.
fizeram as pazes com os sapos.
um dia, atrás do tempo,
o camarada macedo chegou nesta colina
e cumprimentou um lagarto (dono de uma noiteira);
esse lagarto é que autorizou o camarada macedo
a habitar o local.
nesta casa circulam abelhas mansas,
quissondes inofensivas.
até estrelas.
o camarada macedo ainda agora me disse:
«esse lagarto faz parte da família.»
[o camarada macedo também deve fazer parte da família
do lagarto.]

louvada seja a huíla.